

SR^a BUCKLEY

Thiago Toscani

As oito badaladas do antigo relógio ecoaram pela casa. Era o indicativo de que a hora do jantar havia chegado. Silenciosamente, Sr^a Buckley levantou-se da poltrona junto à janela e caminhou até a cozinha. Lá, tratou de esmagar três ou quatro pedaços de um pão dormido numa tigela repleta de leite. Colocou-a ao lado da porta dos fundos e ali permaneceu, durante cinco minutos, até o gato aparecer. Quando a tigela já estava vazia e o gato satisfeito havia retornado para o quintal com os bigodes brancos denunciando o leite recém tomado, Sr^a Buckley iniciou o preparo de sua refeição: sob a fraca luz que iluminava a decadente mobília da cozinha, retirou de dentro da geladeira um pequeno pedaço de carne. Embalada por um fino plástico, a carne exalava um odor quase insuportável. Sr^a Buckley não se importava. Delicadamente, desenrolou o alimento do plástico. O preparo da carne exigia de Sr^a Buckley uma atenção que beirava a religiosidade, quase um ritual. Sal, temperos, o óleo na frigideira, a forma com que segurava nas mãos o objeto de sua refeição. Acendeu uma das bocas do fogão e levou a carne ao fogo. O aroma – estranho aroma – espalhou-se pela casa, fazendo com que Sr^a Buckley se desmanchasse em pensamentos. Tímidas lágrimas brotavam de seus olhos. Ao aprontar tudo, calmamente sentou-se numa das pontas da ampla mesa da sala de jantar. Em um delicado prato de porcelana branco, uma folha de alface – que quase sempre não era saboreada, uma mera decoração culinária. Engolia tudo vagarosamente, com o olhar fixo na outra ponta da mesa. O gato aparecera e estava postado ao lado da velha senhora, como que compartilhando o prazer com que ela mastigava cada pedaço. Sr^a Buckley, hipnotizada, mal notara a presença do animal. Ao finalizar a refeição, levantou-se da cadeira e, com o prato de porcelana em uma das mãos – que o verde da alface fazia parecer ainda mais branco – novamente dirigiu-se até a cozinha. O gato acompanhava os passos da dona. Talvez soubesse o que se sucederia depois. Parada no meio da cozinha, Sr^a Buckley acendeu uma vela, colocou um véu sob o rosto e iniciou sua caminhada pelos cômodos da

casa. Um a um, lentamente, os cômodos eram visitados, iluminados pela fraca luz da vela e com a voz da velha senhora ao fundo, que rezava incansavelmente, baixinho – quase um sussurro. Após a procissão, Sr^a Buckley parecia aliviada.

Há um ano e três meses a rotina noturna da velha senhora era essa. Há um ano e três meses ela perdera o marido. Câncer nos pulmões. Desde então não saía de casa nem para ir à igreja – costume semanal antes da tragédia que se abatera sobre ela. Sr^a Buckley passava todas as suas horas, minutos e segundos recordando-se do homem que a acompanhou por mais de 30 anos. Não fosse um antigo freezer que ocupava um espaço dentro do porão da casa, o gato seria sua única companhia. Lá, ela guardava – há um ano e três meses – a razão de seu viver. Lá estava a razão pela qual ela não saía do interior de sua morada e também a razão pela qual preparava com tanto carinho suas refeições, como naquela noite. Dia após dia Sr^a Buckley descia até o local, abria o freezer e olhava para o rosto pálido, quase desfigurado, de seu marido. Guardado com cuidado, o corpo de Arold Buckley jazia sob proteção incondicional da fiel esposa. Várias partes do corpo do defunto estavam cortadas. Dedos, barriga, peito, pernas, braços. Até o rosto. Todos os dias, no jantar, Sr^a Buckley colocava para dentro de si um pedaço daquilo que ela julgava ter sido parte dela. Apenas dela.

Sentada novamente na poltrona junto à janela, Sr^a Buckley, satisfeita, agora alisava com carinho os pêlos do bichano que lhe fazia companhia. Do lado de fora, uma fina garoa descia do céu, misturando-se com a névoa cinza que cobria a rua. O vento soprava por entre as frestas da antiga casa. Era inverno. Uma das estações preferidas de Sr^a Buckley. Concentrada nos carinhos que fazia no gato, nem percebeu quando Arold Buckley apareceu do lado de fora da janela. Sim, seu velho marido, encharcado pela fina garoa, estava ali. Olhava fixamente ela. Não tinha pedaços do corpo cortados; tinha apenas uma expressão de saudade. O gato foi o primeiro a notar a presença do velho. Num salto repentino, o animal correu na direção contrária, indo se esconder pelos escuros corredores do casario. Observando o bicho se afastar, Sr^a Buckley suspirou e, ao erguer a cabeça, percebeu seu velho marido no quintal. Ele continuava fitando-a. A chuva, agora mais forte, dificultava que Sr^a Buckley percebesse o olhar de saudade do companheiro. Sem

nada falar, abriu a janela. Um forte vento gelado invadiu a casa, empurrando um vaso da prateleira ao chão, espatifando-o. Assustada, Sr^a Buckley olhou para trás. Ao voltar seus olhos para o quintal, não encontrou mais o velho. Naquele instante, a solidão de Sr^a Buckley tornou-se tão doída e desesperadora que ela, sem pensar, correu até o porão. As lágrimas escorriam pelo rosto e a única coisa que Sr^a Buckley queria era abraçar o corpo retalhado de seu amado. Ao abrir o freezer, a velha puxou o defunto para junto de si. Seu choro era constante. O gato a observava. De repente, como que num ato impensado, Sr^a Buckley atirou-se para dentro da gélida caixa. Permaneceu por alguns instantes em cima do corpo do marido, em silêncio. Só as lágrimas continuavam a cair. Em seguida, puxou a tampa do freezer e lá se trancou com o esposo. Por todo o porão, ouvia-se apenas o choro abafado da velha, que foi diminuindo...diminuindo...até o silêncio absoluto – que então passou a competir com o som dos pingos d'água que caíam naquela fria noite de inverno. Indiferente ao momento, o gato de Sr^a Buckley deitou-se perto e, logo, adormeceu. Sr^a Buckley não se alimentaria mais de sua própria dor.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/sr-buckley>